



Encontros Bibli: revista eletrônica de
biblioteconomia e ciência da informação

E-ISSN: 1518-2924

bibli@ced.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Machado Teles Walter, Maria Tereza; Galvão Baptista, Sofia
**REPRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECÁRIOS NO BRASIL: ALGUNS RESULTADOS
DE PESQUISA**

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, vol. 14, núm. 27, mayo,
2009, pp. 22-46

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14712837003>

- Como citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica
Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

**REPRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECÁRIOS NO BRASIL:
ALGUNS RESULTADOS DE PESQUISA¹**
*PROFESSIONAL REPRESENTATIONS OF LIBRARIANS IN BRAZIL: SOME RESEARCH
RESULTS*

Maria Tereza Machado Teles Walter, bibliotecária
Doutora em Ciência da Informação, UnB
Membro do Grupo de Pesquisa Mercado de Trabalho do Profissional da Informação
Bibliotecária do Supremo Tribunal Federal
terezaw@gmail.com

Sofia Galvão Baptista
Doutora em Ciência da Informação, UnB
Professor Adjunto 4 do Departamento de Ciência da Informação e Documentação, UnB
Líder do Grupo de Pesquisa Mercado de Trabalho do Profissional da Informação
sofiag@unb.br

Resumo

As representações profissionais de bibliotecários em atuação no Brasil são apresentadas com base em parte dos resultados da pesquisa de doutorado realizada entre os anos de 2007 e 2008. Foi focalizado, especialmente, aspectos relacionados à percepção dos profissionais com relação aos próprios bibliotecários, à Biblioteconomia, à realidade do mercado de trabalho e das tecnologias de informação e comunicação e à formação profissional. Os resultados para essa pesquisa apontam para avaliações críticas dos profissionais com relação aos seus pares, indicam que a avaliação feita do curso que realizaram, assim como a idade, influenciam na percepção mais positiva ou mais negativa da carreira. Reconhecem que a profissão não é valorizada pela sociedade e associam esse fato a fatores diversos como, por exemplo, o desempenho dos próprios profissionais ou o baixo investimento em educação existente no país.

Palavras-chave: Bibliotecários. Representações sociais. Representações profissionais

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta, de forma parcial, dados acerca de pesquisa de doutorado realizada com o objetivo de compreender o fenômeno da imagem profissional dos bibliotecários e suas representações. O marco teórico foi fundamentado na Teoria das Representações Sociais, sob a perspectiva de Serge Moscovici. A coleta de dados foi efetuada por meio de questionários,

¹ Os dados foram obtidos a partir da pesquisa de doutorado orientada pela Profª Drª Orientador e que resultou na tese: Autor

contemplando questões fechadas e abertas para possibilitar a compreensão de suas representações profissionais e visando identificar outras a partir das narrativas.

A relevância da compreensão dos fatores que compõem a imagem profissional dos bibliotecários encontra resposta nas próprias Instituições de Ensino Superior - IES no Brasil, que a despeito de terem alterado a denominação de Departamentos ou Institutos continuam formando bacharéis em Biblioteconomia. Esses profissionais precisam se colocar no mercado e lutam por espaço e reconhecimento, o que talvez pudesse acontecer com maior segurança se, ao longo dos cursos que realizam, esses pontos como estereótipos, identidades, valores e imagem profissional fossem estudados e compreendidos como fatores críticos de sucesso (ou de fracasso).

Esses fenômenos exaustivamente debatidos acerca dos bibliotecários - que envolvem aspectos como invisibilidade profissional, apego a técnicas, dissociação com a realidade tecnológica e o paradigma da aceitação da profissão pelo mercado - mereciam ser estudados considerando-se que, os bibliotecários continuam sendo formados e colocados num mercado reconhecidamente mais agressivo, mais concorrido e mais tecnológico. Nesse sentido, é relevante prepará-los de forma a poderem atuar e competir em igualdade de condições, inclusive com os egressos dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação, sem graduação em Biblioteconomia, cujo perfil tem contribuído para modificar as fronteiras da profissão. Do mesmo modo é importante que o mercado reconheça as competências adquiridas em sua formação não por discursos, e sim por práticas profissionais que respondam às necessidades expressadas ou prospectadas de seus usuários. Num quadro de competitividade, os bibliotecários devem ser capazes de reconhecer cenários, mudanças de mentalidade social e caminhos alternativos para o exercício profissional.

Finalmente, se essa é uma profissão que merece sobreviver, compreender quem é e como se percebe o bibliotecário pode contribuir para que as novas gerações sejam formadas em bases que as tornem mais evidentes socialmente, que possibilitem o reconhecimento da profissão nas instituições não como um procedimento pessoal, qual seja, reconhecer qualidade e competência de um determinado profissional, mas do grupo que atua na área de informação.

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Um dos objetivos da pesquisa foi o de verificar de que forma os bibliotecários e o corpo docente, no Brasil, construíam a imagem profissional do bibliotecário e se os fatores que representam essa imagem eram positivos. Para tanto, utilizou-se a Teoria das Representações Sociais, sob a perspectiva de Serge Moscovici, em função de sua concepção que parte da compreensão dos indivíduos acerca de sua visão de determinado fenômeno, ou grupo social e de sua expressão a respeito. Segundo esta teoria, aquilo que um indivíduo entende como sendo um retrato de si mesmo provavelmente está coerente com o pensamento coletivo sobre esse grupo, seus modos, comportamentos e estruturas sociais. Para Moscovici (2003, p. 37),

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.

O que se depreende dessa definição, e se encontra nos diversos textos sobre as representações sociais, é que elas são uma forma de compreender o mundo, de partilhar o conhecimento e de estabelecer a comunicação entre os membros de uma comunidade. (CARDOSO, 2000; JODELET, 1988; JOVCHELOVITCH, 1996; LAHLOU, 1996; VOELKLEIN e HOWARTH, 2005; WAGNER *et al.*, 1999).

Cardoso (2000, p. 23), comentando a amplitude dos estudos de representações sociais, considera que estas “[...] têm entre suas características a de facilitar a comunicação, por assegurarem um capital cognitivo comum aos membros de um mesmo grupo.” Para Abric (2000, p. 28-30) as representações sociais respondem a quatro funções essenciais para a dinâmica das relações sociais que são:

- Função de saber: que possibilita compreender e explicar a realidade, definindo um “[...] quadro de referência comum que permite as trocas sociais, a transmissão e a difusão desse saber ‘ingênuo’”;
- Função identitária: que permite a proteção das especificidades dos diferentes grupos, o que “[...] terá um papel importante no controle social exercido pela coletividade sobre cada um de seus membros, e, em especial, nos processos de socialização.”;
- Função de orientação: relacionada com os comportamentos e as práticas, o que implica num caráter prescritivo “[...] de comportamentos ou de práticas obrigatórios.”, definindo aquilo que é “[...] lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social.”;
- Função justificadora: que explica as tomadas de posição e os comportamentos, que

Jovchelovitch (1996, p. 122, tradução nossa), discutindo a importância das representações sociais, declara que estas “[...] são formas de mediação simbólica firmemente ligadas à esfera pública – como espaço de realidade intersubjetiva – que é o terreno onde elas são geradas, cristalizadas e eventualmente transformadas.” A autora afirma que “Representações sociais [...] não são produtos de mentes puramente individuais, mesmo que elas encontrem expressão nas mentes individuais. [...] elas têm uma gênese social, desenvolvidas num espaço social e funcionam como parte da vida social.” Moscovici (2001, p. 63) estabelece de forma clara essa importância das representações quando diz:

Cada vez que um saber é gerado e comunicado – torna-se parte da vida coletiva –, isso nos diz respeito. E, em particular, quando esses saberes enquanto tais servem para a solução de algum problema social ou para a explicação de algum evento: o aparecimento de uma epidemia – a Aids no momento – uma catástrofe como a de Tchernobyl. Enfim, tudo o que resulta da ideação coletiva nos afeta em maior ou menor grau.

Para Wagner *et al.* (1999, p. 96, tradução nossa) “[...] uma representação social é o conjunto de pensamentos e sentimentos expressados em forma de comportamento verbal e público de atores os quais constituem um objeto para um grupo social.”. Finalmente, para Farr (1988, p. 389, tradução nossa) “As representações sociais têm uma dupla função: tornar o que é estranho em algo familiar e o que é invisível, perceptível.”

Segundo Jodelet (1988, p. 360, tradução nossa), as representações sociais

[...] se apresentam sob formas variadas, mais ou menos complexas. Imagens que condensam um conjunto de significações; sistemas de referência que nos permitem interpretar as ocorrências, ou mesmo dar um sentido ao inesperado; categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenômenos, os indivíduos com os quais nos relacionamos [...].

Os meios pelos quais apreendemos esses códigos e esses conhecimentos do senso comum são por intermédio das tradições, da educação e da comunicação social.

Segundo Wagner (1996, p. 106, tradução nossa)

Difícilmente alguém negará que a grande maioria, se não todo, do nosso conhecimento é socialmente elaborado, assim construído por e dentro de processos sociais. Mesmo aparentemente idiossincrático o conhecimento e as crenças pessoais derivam basicamente de instituições sociais como escola, mídia e outras formas de processos de comunicação.

e acrescenta que:

[...] representações são as formas e os nomes específicos que um grupo ou uma sociedade dá a certas áreas do mundo. Este mundo de coisas não deve necessariamente ser passível de descrição em termos físicos. Mesmo ‘nadas’ físicos, como Deus, justiça, democracia, amor etc., constituem relevantes áreas em mundos sociais. Wagner (1996, p. 109, tradução nossa)

O autor, ao explicar o que considera representações enuncia: “O que aparece como uma relativa constante através de diferentes contextos e pessoas em um grupo constitui a

representação”; e complementa afirmando que esta (a representação) tem relação com um determinado período (WAGNER, 1996, p. 111, tradução nossa), isso é compatível com o que os autores identificam acerca da perspectiva temporal relacionada à visão de mundo de uma dada sociedade.

Moscovici (2003, p. 41) ressalta o caráter coletivo das representações quando afirma que elas “[...] não são criadas por um indivíduo isoladamente [...]”, mas reconhece a influência dos pensamentos individuais e do tempo quando adiante diz que uma vez que as representações são criadas “[...] elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.” Essa constatação do processo evolutivo das representações é importante, pois se assim não fosse essa teoria não poderia explicar a óbvia evolução e modificação das sociedades em todos os âmbitos: comportamental, cultural e mesmo científica. Em síntese, Moscovici diz que as representações sociais se constituem de uma maneira de compreender e comunicar o que já se sabe e possuem uma dinâmica ao longo do tempo, que justifica o “nascimento” e a “morte” de algumas representações.

Diante do exposto, a pesquisa realizada pretendeu identificar as representações profissionais dos bibliotecários, mais especificamente:

- de que modo interpretam a profissão;
- como analisam as possibilidades de mercado;
- como percebem a influência da escola na formação da auto-imagem profissional;
- se as visões variam em função da região que atuam ou das atividades que desenvolvem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada junto aos bibliotecários por meio de questionário com perguntas fechadas e abertas. A amostra sistemática constituiu-se de 20% de bibliotecários dos estados das Regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste² inscritos nos respectivos Conselhos Regionais de Biblioteconomia-CRB³. Os dados referem-se apenas ao grupo participante da

² Estados por região: NE - Piauí, Ceará, Sergipe e Bahia; SE - Espírito Santo e São Paulo; S - Rio Grande do Sul e Santa Catarina; CO - Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal.

pesquisa e não podem ser extrapolados em função das amostras não terem sido probabilísticas. O total de respondentes foi de 488 profissionais. O questionário foi dividido em quatro blocos de temas, denominados de dimensões, a saber: bibliotecários (dimensão A), Biblioteconomia (dimensão B), mercado de trabalho e tecnologias de informação (dimensão C) e formação profissional (dimensão D), além da parte dois que tinha por objetivo caracterizar o bibliotecário em relação ao seu perfil pessoal e profissional.

O primeiro exame do questionário foi o levantamento das frequências simples para todas as variáveis/questões relacionadas em cada uma das partes, de forma a obter uma visão geral das respostas recebidas e da caracterização da população da pesquisa, com identificação de sexo, idade, estado civil, ano de ingresso e de formatura, escolas em que se formaram, dentre outros aspectos.

Em seguida, foram criados indicadores para cada dimensão, para compor o que seria uma escala de visão mais positiva ou negativa sobre cada uma delas. Como as questões de imagem e opinião valorativa foram respondidas por uma escala de concordância-discordância com afirmativas propostas, a visão foi considerada positiva quando a resposta era estar de acordo com uma afirmativa positiva⁴. A escala vai de 1 a 4 - sendo 1 a discordância total e 4, a concordância total - para as dimensões das partes A, B, C e D.

Entre os procedimentos para análise dos dados, efetuou-se a inversão das escalas daquelas afirmativas que tinham cunho negativo ou depreciativo⁵. Desse modo, quem assinalou que concordava totalmente com uma afirmativa negativa (resposta 4), teve sua resposta substituída pelo ponto oposto na escala (no caso, por 1). Essa nova variável com a resposta invertida, implicou na definição de uma escala que crescia de 1 para 4, significando que quanto maior mais positivo, em todas as variáveis utilizadas para construir os indicadores.

Como exemplo, uma pessoa que tenha assinalado a opção [concorda que as atividades que os bibliotecários realizam são rotineiras], implica uma visão negativa da profissão, pois, conforme a literatura sobre o tema, os modernos profissionais da informação são aqueles capazes de identificar novos nichos de atuação, de planejarem ações para melhorar o trabalho e identificam oportunidades de ação com base nos trabalhos que desenvolvem. Na nova variável com a escala invertida, para quem concordou com a afirmativa e assinalou 3 ou 4 na escala, respectivamente recebeu 2 ou 1 como substituição, como se a afirmativa tivesse sido proposta ao contrário.

⁴ A classificação de visão positiva ou negativa relacionada com a afirmativa foi realizada em conformidade com o que a literatura aponta sobre os itens abordados.

⁵ Essa transformação é efetuada por uma operação realizada diretamente no SPSS.

Desse novo conjunto de variáveis que mesclou as originais e as transformadas, foi calculada a média das respostas para cada respondente. Quanto mais próxima de 4 for a média, mais positiva é a visão do entrevistado. Inversamente, quanto mais próxima de 1, mais negativa. Esse mesmo procedimento foi feito em cada dimensão. Cabe salientar que nem todas as variáveis previstas por dimensão foram incluídas nos cálculos dos indicadores. A seleção das variáveis foi feita utilizando-se o coeficiente Alfa-Cronbach, este mede a consistência de um grupo de variáveis. O teste de Alfa-Cronbach é utilizado para “[...] medir a confiabilidade dos indicadores que compõem um construto [...]”, e “[...] oferece como saída um valor compreendido entre 0 e 1, sendo 1 a situação de máxima confiabilidade.” (SELLITTO e RIBEIRO, 2004, p. 82). Ainda de acordo com os autores:

Por confiabilidade de indicadores entende-se a consistência com a qual esses indicadores representam o conceito ou construto latente ao qual estão designados. Indicadores de construtos de alta confiabilidade são altamente intercorrelacionados, indicando que todos eles medem o mesmo construto.

3.1 Perfil pessoal e profissional da amostra dos respondentes – bibliotecários

Para o grupo participante desta pesquisa, verificou-se: 426 eram do sexo feminino e 58 do sexo masculino, correspondendo, respectivamente, a 88% e 12% dos dados válidos, sendo que quatro pessoas deixaram de responder. Essa proporção é um dado percebido intuitivamente pelas pessoas quando afirmam tratar-se de uma profissão com maior predominância de mulheres, o que é confirmado por outras pesquisas da área (BAPTISTA, 1998; OLIVEIRA, 1980).

Quanto ao estado civil, somadas as alternativas: casados ou com união estável; viúvos; separados; e outros; totalizaram 332(69%) entrevistados, enquanto os solteiros foram 150 bibliotecários (31%), totalizando 482 pessoas. O número de solteiros, para os participantes desta pesquisa, em cheque com o estereótipo de que a maioria dos bibliotecários seriam solteiros, não parece ser uma afirmativa conclusiva. Dos 150 solteiros, 131 (87,3%) são mulheres e 19 homens (12,7%) . A maior parte dos solteiros (53,1%) está na faixa etária de até 39 anos, sendo mais jovens.

Com relação à faixa etária dos bibliotecários, observou-se o maior número dos entrevistados situam-se entre 40-49 anos (33,3% dos dados válidos), embora os de idade entre 30-39 anos e 50-59 respondam, respectivamente, por 22% e 26% dos percentuais válidos.

Em relação à formação profissional, optou-se por agrupar os dados de modo a indicar a maior formação acadêmica concluída, assim sendo, para aqueles que informaram possuir mestrado e doutorado, foi considerado apenas o doutorado, e assim por diante. Foram tabuladas apenas as informações relativas a cursos concluídos. Nesse caso, alguns dados destacam-se: 43,8% dos bibliotecários informaram não ter realizado nenhum outro curso na área. Entretanto, 36 bibliotecários preencheram também a opção [outros], dos quais nove (1,84%, em relação aos 488 participantes da pesquisa) indicaram possuir outras graduações.

Dos que fizeram pós-graduação (273 bibliotecários), a maior parte (45,3%), optou pela especialização. Não foram levantados os dados acerca das razões pela escolha de um ou outro curso de pós-graduação. Ainda na opção [outros], os bibliotecários informaram possuir MBA, pós-graduação *lato sensu* ou, ainda, especialização, mestrado ou doutorado em curso, respectivamente 18 (51,42%), 5 (14,28%) e 2 (5,7%), o que de certo modo sugere a tendência de opção pela especialização. Considera-se, então, a partir dos dados, haver uma coerência com o que a literatura aponta de necessidade de educação continuada, igualmente expressada pelos bibliotecários que participaram desta pesquisa, com a atitude dos profissionais nesse sentido.

As regiões de origem dos bibliotecários indicaram a Região Sudeste com o maior número de respondentes (31,8% dos casos válidos, correspondendo a 154 profissionais), 26,2% (127) se formaram na Região Nordeste, 21,3% (103), da Região Centro-Oeste, 20,5% (99) da Região Sul e apenas um respondente da Região Norte, provável migrante, pois a mobilidade não foi controlada e a Região Norte não foi pesquisada.

Para a identificação acerca da forma pela qual os bibliotecários tomaram conhecimento do curso, a questão permitia assinalar mais de uma opção, motivo do número total de respostas 548, o maior percentual de bibliotecários indicou [outras formas de conhecimento] (42,21%), equivalendo a 206 respostas, dentre as quais destacam-se:

- Experiência pessoal em ambientes de informação (já trabalhava em bibliotecas, convívio com pessoas que trabalhavam na área, estágio de nível médio em biblioteca), indicado por 46 respondentes (22,33%);
- Ambiente familiar, amigos, colegas ou outras pessoas relacionadas aos amigos, indicado por 42 bibliotecários (20,38%);
- Divulgações por fôlderes, visitas orientadas, palestras de profissionais ou guias de cursos, 14 respostas nesse sentido (6,79%);
- Contato com bibliotecários: 11 (5,33%).

Para os itens indicados no questionário, optou-se por agrupar “Há outros bibliotecários na família” e “Há outros bibliotecários entre amigos da família”, cujo somatório revelou ser a segunda maior fonte de informação sobre o curso (24,1%). Reunido esse resultado aos que assinalaram a opção “Bibliotecário na escola que estudei” e aqueles que indicaram na categoria “Outros” o contato com bibliotecários esse percentual sobe para 36,88%. Desse modo, os dados sugerem que a experiência anterior com bibliotecários, seja no ambiente familiar ou por outras formas parece ser positiva, já que significou que aqueles que indicaram esse conhecimento prévio de profissionais em exercício perceberam na Biblioteconomia uma boa carreira, pois optaram por realizar o curso.

O Manual de profissões do vestibular (18,6%) foi outra fonte indicada para o conhecimento da profissão, assim como na opção “Outros”, os fôlderes, guias de curso etc. alteram essa porcentagem para 23,77%. Esses dados podem indicar que uma política mais agressiva de divulgação profissional, entre os alunos de ensino médio poderia tornar mais visível a profissão, o mercado potencial e despertar vocações que somente serão descobertas se houver uma possibilidade de ter contato anterior com a profissão. Apesar de ter havido mudanças no cenário de oferta/demanda de cursos nas universidades brasileiras, os estudantes ainda parecem mais interessados naqueles mais tradicionais, como indicam os dados de candidatos por vagas nos vestibulares, que mostram que os cursos de Medicina e Direito parecem manter, de modo geral, a liderança em termos de atrativo.⁶

Ainda em relação à questão de forma de conhecimento do curso, na opção “Outro”, destacam-se algumas colocações feitas pelos respondentes, cujos discursos indicam o significado da forma de contato inicial:

- “Jamais pensei em fazer faculdade, mas surgiu nas minhas mãos um fluxo de matérias do curso e me encantei.”; (Bibliotecário 210, 36, fem., 1995)⁷
- “Quando pela primeira vez aos 13 anos entrei em uma biblioteca (do SESI) senti algo estranho e prazeroso e disse a mim mesma: ‘é com isso que quero trabalhar’”; (Bibliotecário 407, 53, fem., 1978)
- “Não consegui pagar a faculdade de jornalismo e tive que parar. Daí, resolvi fazer o vestibular para biblioteconomia que dava para passar sem nem abrir o livro.”; (Bibliotecário 441, 34, masc., 2002)
- “Fui descobrir no primeiro dia de aula, nem sabia que para ser bibliotecário era exigido curso superior.”. (Bibliotecário 333, 26, masc., 2006)

⁶ Ver dados de demanda por vagas disponíveis na *Internet*, acesso em: 28 fev. 2008:

- UFBA – <<http://www.vestibular.ufba.br/concorrenca2008.htm>>.
- UFSC – <<http://www.vestibular2008.ufsc.br/vesteva02.htm>>.
- UFRJ – <http://vestibular.ufrj.br/Downloads/Concurso_2008_candXVaga_Apos_THE.pdf>.
- FUVEST – <http://download.uol.com.br/vestibular/fuvest_conc_2008.pdf>.
- UnB – <http://www.cespe.unb.br/vestibular/1VEST2008/arquivos/Vestunb_08_1_Demanda.PDF>.

⁷ Trata-se da indicação do número recebido pelo questionário quando feita a tabulação dos dados no *SPSS* e que possibilita o acesso aos demais dados de cada questionário para verificação ou confirmação de informação, já que não foi solicitada a identificação dos respondentes da pesquisa. Em seguida são apresentados os dados de idade, sexo (sendo fem., para sexo

Sobre as motivações na escolha da carreira, a questão igualmente possibilitava a marcação de mais de uma opção, e observa-se que o maior grupo de pessoas 214 (22,2%) assinalou o gosto pela leitura, seguido de 182 (18,9%) que indicaram o gosto pela pesquisa. 147 bibliotecários (15,2%) indicaram a oportunidade de emprego como motivação e a possibilidade de lidar com o público foi assinalada por 116 (12%) profissionais. Os itens relacionados com a menor concorrência no vestibular e maior facilidade de concluir o curso foram apontados por, respectivamente, 105 (10,9%) e 30 (3,1%) pessoas, o que parece não confirmar o que comumente se diz sobre o curso, de que normalmente é escolhido por permitir o ingresso fácil e por possibilitar a conclusão sem maiores esforços. Tampouco, pela quantidade de pessoas que assinalaram o item falta de opção pode-se afirmar que o curso é escolhido por esse motivo, posto que foi apontado por apenas 16 bibliotecários, ou 1,7% dos pesquisados.

Assim como ocorreu na questão relacionada com o conhecimento da carreira, foi inserida uma opção aberta para indicar outros itens para explicar a motivação na escolha da carreira, resposta para a qual algumas manifestações foram destacadas, dos 102 bibliotecários (10,6%) que assinalaram essa opção:

- “‘Bolsa integral’ 100% desconto. Isso é uma grande razão”; (Bibliotecário 78, 38, masc., 2002)
- “Achei bonito o nome do curso e ser um curso de baixa concorrência na época.”; (Bibliotecário 450, 36, fem., 1999)
- “Fiquei apaixonada pelas disciplinas, e achei muita riqueza no curso. Hoje, amo o que faço na minha área de trabalho. Fiz estagio em várias áreas do conhecimento.”; (Bibliotecário 480, 26, masc., 2004)

No caso dessas motivações, expressadas pelos bibliotecários na pergunta aberta no questionário⁸ “Outras motivações”, as maiores incidências de respostas foram: gosto pela área de informação (organização, bibliotecas, museus, livros antigos, percepção de vocação), apontado por 32 bibliotecários (31,37%) e experiência anterior na área de informação (auxiliar de bibliotecas, organização de bibliotecas em projetos específicos ou na infância, cursos de auxiliar de bibliotecas etc.), que foi indicado por 19 profissionais (18,62%).

Para a pergunta acerca da identificação das unidades de informação, nas quais os bibliotecários trabalham, observou-se que o maior percentual, dos participantes dessa pesquisa, concentrava-se nas bibliotecas universitárias, 155 (36,1%), e especializadas, 121 (28,2%), totalizando 64,3%. Os autônomos ainda são uma porcentagem menor, 2,6% dos dados válidos, enquanto as bibliotecas escolares responderam por 16,1% e as bibliotecas

públicas por 8,9% dos postos de trabalho informados. Ainda em menor quantidade foram os bibliotecários que informaram trabalhar em arquivos, totalizando 1,9%, ou oito bibliotecários. Nesse sentido, os dados indicam que parece haver uma tendência de percepção de que os postos considerados mais tradicionais são os que mais absorvem profissionais e que o serviço público ainda é o maior empregador, também para o grupo desta pesquisa, com 249 bibliotecários com essa vinculação, ou 70,5% dos casos válidos, seguido pelas empresas públicas que foram apontadas por 54 profissionais ou 15,3% dos casos válidos, constatando-se que 85,8% dos profissionais atuam na esfera pública. Embora a literatura aponte vários caminhos para o exercício profissional dos bibliotecários, os dados sugerem que poucos saíram do espaço das bibliotecas – universitárias ou especializadas –, vinculadas aos órgãos governamentais. Sobre esse tema, que foi objeto da pergunta C2 do questionário⁹, houve 437 respostas, que significam que em relação ao total respondido, manifestaram-se 89,54% de bibliotecários. Com relação a essas respostas, houve coincidência em 190 casos (43,47%) que apontaram as bibliotecas como os principais segmentos de mercado de atuação profissional, independentemente do tipo. De todo modo, quando indagados acerca dos nichos de atuação para o bibliotecário, em 115 questionários (26,31%), os profissionais informaram que, de acordo com sua percepção, seriam todos os ambientes onde se necessitasse de informação¹⁰. Quanto aos dados referentes às funções realizadas, poderia ser marcada mais de uma opção, considerando-se, inclusive, a hipótese de a organização possuir apenas um bibliotecário em seu quadro. Os cargos de gerência, que incluíam as opções chefia, supervisão e direção, foram agrupados e totalizaram 210 bibliotecários (44,9%), enquanto que os bibliotecários que assinalaram as funções de assessoria e técnico totalizaram 258, correspondendo a 55,1% dos casos válidos. Também para a pergunta relativa às funções foi colocada uma opção aberta, “Outro”, para verificar as demais atividades realizadas e não previstas. Foram 86 respostas (17,62%), cujos maiores índices foram verificados para aqueles que indicaram realizar a função de bibliotecários, 34 (39,56%), e de direção, chefia, gerência (de bibliotecas, de sistemas de bibliotecas, de seção), 17 (19,76%). A explicação para esse índice de respostas com relação à função de bibliotecário pode dever-se ao fato de que embora esse item do questionário tivesse como objetivo identificar aqueles profissionais que exerciam algum tipo de função de comando, aqueles que realizavam funções técnicas de bibliotecários, sem chefias, entenderam que deveriam ter indicado essa opção.

⁹ Pergunta C2. Quais são, na sua opinião, os segmentos de mercado mais adequados ao exercício profissional dos bibliotecários, em relação à formação que recebem?

O número de bibliotecários nas organizações foi outro dado solicitado, visando identificar se a maior parte trabalha de forma isolada ou se existem outros profissionais com mesma formação na equipe. Conforme as respostas dos questionários, 159 bibliotecários (36% dos casos válidos) informaram serem únicos nos respectivos trabalhos, 120 (27,1%) relataram serem de dois a três bibliotecários e 163 (36,9%) informaram que nas suas organizações atuam mais de três bibliotecários. Esse é um dado que, relacionado com a questão das atividades que realizam, opção em que mais de um item poderia ser assinalado, foi perguntado para verificar o grau de acúmulo de atividades pelos profissionais.

Cabe, nesse ponto, verificar que as porcentagens de números de bibliotecários acima de três e de somente um são semelhantes, girando em torno de 36%. Esse fenômeno poderia indicar que as bibliotecas ou unidades de informação representadas pelos respondentes dessa pesquisa parecem confirmar a percepção do Professor F¹¹ acerca da estrutura delas no Brasil:

Nas instituições pequenas, aqui no Brasil, a impressão que me dá, eu não sei se isso é verdade, mas a impressão que me dá é o seguinte: você tem biblioteca muito grande, biblioteca universitária que tem lá 15 bibliotecários, 20 bibliotecários, 12 bibliotecários e mais um monte de estagiários e você tem bibliotecas de um bibliotecário só. Ou não tem bibliotecários. Você não tem meio termo. (Professor F)

Retomando, então, a pergunta acerca das atividades executadas, o bibliotecário poderia marcar até sete opções, incluindo “Outras” (resposta aberta). Conforme identificado pelos dados, em 32,8% dos casos, os profissionais indicaram que executam apenas uma atividade e 12,3% assinalaram duas opções, totalizando 45,1% que indicam que a atuação desse grupo da pesquisa é de até duas atividades. Apenas 5,1% dos respondentes indicaram realizar todas as atividades indicadas e acrescentaram outras na opção aberta. Isso parece colocar em dúvida a afirmação de que por serem poucos nas organizações os bibliotecários tenderiam a acumular tarefas, redundando em dificuldades para propor novos trabalhos ou elaborar projetos, ou, ainda, aperfeiçoar os produtos e serviços que são fornecidos.

Com relação ao exercício profissional, os grupos de atividades que indicaram maior porcentagem de marcação foram Catalogação/classificação, 277 (56,8%) e Referência/pesquisa, 276 (56,6%), o que não deixa de ser um resultado esperado, pois seja qual for a unidade de informação de trabalho, as necessidades mais prementes são exatamente as de tratamento e as de recuperação da informação. Para a opção “Outras”, 114 bibliotecários

¹¹ Na tese (ver Autor da tese) foi feita uma pesquisa exploratória junto aos docentes. Para facilitar a compreensão e percepção do pensamento dos professores e identificá-los, sem nomeá-los, já que a nenhum foi solicitada autorização de registro dos nomes, sempre que transcritos trechos de suas palavras, foram identificados por Professor A, Professor B, Professor C, Professor D, Professor E e Professor F.

(23,36%) acrescentaram informações sobre as demais atividades que realizam, além das apontadas. Para esse grupo, predominaram as respostas relacionadas aos usuários, nesse caso utilizando os termos atendimento ou capacitação de usuários, 22 (19,29%) e de que faziam todas as atividades, indicada por 19 bibliotecários (16,66%).

A questão sobre o número de usuários atendidos pela unidade de informação tinha o mesmo propósito daquela relacionada com as atividades, que era de identificar a relação entre esse dado e o número de profissionais contratados, pois não é raro ouvir, em conversas informais entre os profissionais, que esse é um ponto relevante e a razão para explicar diversos problemas enfrentados pelos bibliotecários, como por exemplo: o baixo investimento em proposições novas; as reclamações relacionadas com as chefias que não reconhecem o trabalho que realizam; as dificuldades de elaborar projetos; a inexistência de recursos para atualização dos acervos, pois não há pessoas que possam atuar junto às instâncias superiores e assim por diante. De fato, mesmo considerando que as atividades realizadas restringem-se a uma ou duas e que o número de usuários apontados é estimado, parece difícil não levar em consideração esse fator como limitante da atuação, pois mesmo que não sejam usuários reais, mas sim potenciais, os números são expressivos. Essa pergunta foi respondida por 353 bibliotecários que, em 75,1% dos casos indicaram que as respectivas organizações atendem até 2500 usuários. Quando o bibliotecário respondeu que era único na organização, indicou, também, que em 89,9% dos casos, atendia até 2500 usuários, dado que não se pode deixar de considerar relevante com relação às possibilidades de atuação profissional.

Mesmo não tendo sido incluída nenhuma pergunta acerca do número de profissionais – nesse caso total e independente do perfil de formação – que atua na unidade, o trabalho especializado que é feito pelo bibliotecário provavelmente sofre pela maior dificuldade desse profissional que atua de forma isolada desenvolver frentes de trabalho diversificadas. Esse dado mereceria maior observação e pesquisas e pode ser um indicativo de que esse baixo reconhecimento social tem relação com as limitações impostas pelo exercício profissional, que fica comprometido quando somente um bibliotecário atua naquela organização, cujo porte indicaria a necessidade de contratação de outros bibliotecários.

Para o dado seguinte dessa pesquisa, que tratava da faixa salarial, observou-se que a maior predominância foi de recebimento de até R\$3.000,00 (61,3%), sendo que desse grupo, 34,8% recebem entre R\$1.500,00 e R\$3.000,00. Os salários entre R\$5.000,00 e R\$7.000,00 e acima de R\$7.000,00 foram indicados por, respectivamente, 9,6% e 8,5% dos casos válidos. Quando o salário foi relacionado com o tipo de unidade de informação que o bibliotecário atua,

verificou-se que as bibliotecas escolares, as públicas e os autônomos indicaram, nessa pesquisa, que são o grupo que está entre as menores faixas salariais.

As bibliotecas escolares e as públicas, como sempre é apontado pela literatura, são unidades de informação que recebem pouca ou nenhuma atenção da sociedade de modo geral, independentemente da vinculação pública ou privada. Nesse sentido resgata-se a pesquisa de Paiva e Berenblum (2007, p. 13-14) que, estudando as ações e resultados do Programa Nacional de Biblioteca da Escola, constataram que:

Do ponto de vista do profissional que atua nas bibliotecas, registrou-se a inexistência quase total de bibliotecários com formação, a ausência de cursos que qualifiquem os responsáveis para a função e a pouca valorização da problemática do livro, da leitura e da biblioteca no currículo da maioria dos cursos de formação. A figura mais comum encontrada neste espaço é a do “professor readaptado”, ou seja, deslocado da função de regente de turma por problemas de saúde.

Mesmo sendo uma informação conhecida ela não deixa de ser preocupante pois as bibliotecas públicas e escolares podem ser consideradas fundamentais, já que seriam a base de formação na educação da população brasileira e a chance de pessoas de menor renda terem acesso a informações e à possibilidade de adquirirem conhecimento. A literatura que estuda as bibliotecas públicas e escolares encontra um entrelaçamento acerca de suas funções e importância social, mas quando são feitas pesquisas para identificar a situação, mesmo sendo casos específicos, pode-se verificar uma constante de baixos salários, baixo investimento em recursos de toda natureza, confirmando Paiva e Berenblum (2007).

Esse baixo investimento nos acervos, produtos, serviços e nos profissionais que ali atuam é um retrato importante das políticas educacionais do país, indicadas, também pelos profissionais que responderam à questão sobre o reconhecimento social do bibliotecário, na pergunta A3¹². Dos 470 (96,31%) bibliotecários que responderam essa pergunta, 283 (60,21%) acham que o bibliotecário não tem esse reconhecimento social. Mesmo tendo uma visão otimista de que tem melhorado, muitos apontam, dentre as causas para isso o baixo nível educacional da população, mas também indicam que a atuação profissional contribui para agravar essa situação.

3.2 Resultados das dimensões bibliotecário, Biblioteconomia, mercado de trabalho e formação profissional

¹² Pergunta A3. Você acha que o bibliotecário é um profissional reconhecido socialmente? Por quê?

Conforme explicação anterior, as variáveis dos questionários foram agrupadas por dimensão, considerando: Parte A – Bibliotecários, Parte B – Biblioteconomia, Parte C – Mercado de trabalho e tecnologias de informação e comunicação e Parte D – Formação profissional. Após a transformação das variáveis em um único sentido, foram calculadas as médias para cada dimensão e calculados os indicadores de confiabilidade (Alfa-Cronbach)¹³ para cada uma dessas dimensões.

O indicador, então, foi obtido pela média das variáveis selecionadas a partir do teste Alfa-Cronbach para cada uma das dimensões e iniciou-se, com os referidos indicadores, a realização de testes de análise de variância que “[...] é uma técnica que pode ser usada para determinar se as médias de duas ou mais populações são iguais” (STEVENSON, 2001, p. 254), relacionando-o com as outras variáveis do estudo.

Após os testes realizados, verificou-se que todas as dimensões – bibliotecário, Biblioteconomia, mercado de trabalho e formação profissional –, não foram influenciadas por: sexo, estado civil, atividade (para as pessoas que indicaram realizar apenas uma atividade), escola e região de formação.

Com relação à dimensão bibliotecários, verificou-se que:

- O ano de formatura teve influência (teste: análise de variância => $F=3,222$; $P=0,023$). Observou-se, que os bibliotecários que se formaram até 1989 e aqueles que colaram grau a partir de 2000 têm uma visão mais positiva do que quem se formou entre 1990 e 1999. Foi utilizado o teste Student-Newman-Keuls para verificação dessa diferença de visão.

- O indicador é influenciado pela avaliação do curso (teste: análise de variância => $F=4,564$; $P=0,001$). Pelos resultados, quem considerou o curso péssimo tem uma visão mais negativa do que quem considerou o curso de regular a ótimo. As pessoas que consideraram o curso ruim ficaram numa zona intermediária. Independentemente do número de bibliotecários que avaliaram os próprios cursos como péssimos, o fato de possuírem uma visão mais negativa sobre essa dimensão não deixa de ser um dado que indica uma certa coerência, pois parece difícil desenvolver uma visão positiva, se a experiência de formação, para aqueles profissionais foi tão expressivamente negativa. As razões apontadas por essas pessoas que avaliaram seus cursos como péssimos foram explicadas em relação às muitas greves sofridas ao longo do curso, professores fracos ou desinteressados e disciplinas desatualizadas em relação à realidade de mercado percebida por eles quando se formaram. De todo modo, a

¹³ O Alfa-Cronbach mede a consistência de um grupo de variáveis e é utilizado para “[...] medir a confiabilidade dos indicadores que compõem um construto [...]”, que “[...] oferece como saída um valor compreendido entre 0 e 1, sendo 1 a

qualidade dos cursos, ou a percepção do que os discentes levaram para a vida profissional, em relação aos mesmos, parece indicar que essa influência não deve ser desprezada. Por outro lado, essa visão negativa pode também reforçar o complexo de inferioridade profissional que alguns bibliotecários ou mesmo que a literatura aponta para essa carreira, quando comparada com outras.

- O indicador, de acordo com os dados dessa pesquisa, também indicou influência relacionada ao tipo de unidade de informação na qual o bibliotecário atua (teste: análise de variância => $F=4,435$; $P=0,002$)¹⁴. Pelos dados obtidos, quem trabalha em biblioteca pública tem uma visão mais negativa do que quem trabalha em biblioteca universitária. Com relação às bibliotecas públicas, a literatura nacional reforça esse dado, com relação às suas dificuldades.

- O indicador foi influenciado pelo número de usuários da unidade de informação (teste: análise de variância => $F=3,799$; $P=0,001$), sendo que quanto menor a quantidade de usuários, mais negativa a imagem para o indicador bibliotecário. O grupo que indicou atender mais de 2500 usuários possui uma visão mais positiva. Não há dados anteriores que expliquem esse resultado;

- O indicador também mostrou sofrer influência do salário do respondente (teste: análise de variância => $F=2,842$; $P=0,024$), sendo a visão mais positiva para a faixa compreendida entre R\$5.000,00 a R\$7.000,00. Os dados de maiores salários estarem entre os que têm visão mais positiva parece indicar que, num mundo capitalista e de incertezas econômicas e sociais, a tendência de associar sucesso, visão positiva ou reconhecimento com os salários recebidos é comum.

Em relação à dimensão denominada de Biblioteconomia, que compreendeu a Parte B do questionário, seguindo, então, o mesmo modo como foi analisada a dimensão anterior, após a realização dos testes de análise de variância, relacionando-o com as outras variáveis do estudo:

- Ao contrário da dimensão bibliotecários, a dimensão Biblioteconomia é influenciada pela quantidade de bibliotecários que atuam na organização do respondente (teste: análise de variância => $F=3,100$; $P=0,046$). Observa-se que a visão é negativa quando a organização possui de dois a três profissionais e positiva quando os respondentes indicaram trabalharem com mais de 3 bibliotecários e situa-se numa zona intermediária (não indicando tendência

¹⁴ Para esse teste, foram excluídos os que informaram atuar em arquivos e os autônomos, em função do número de casos,

positiva nem negativa), quando possui apenas um profissional. Sobre essa questão a literatura e as pesquisas anteriores igualmente não apresentam dados;

- O indicador imagem da Biblioteconomia é influenciado pela vinculação da organização do respondente (teste: análise de variância $\Rightarrow F=2,163$; $P=0,058$). Embora para considerar que há ou não influência, o P tenha que ser menor que 0,05, o teste Student-Newman-Keuls - SNK detectou a diferença para os autônomos, incluindo-os entre os que têm uma visão negativa da profissão. Essa visão mais negativa de bibliotecário autônomos pode ser interpretada à luz da questão do mercado de informação no Brasil, que coloca os profissionais autônomos em um ambiente incerto, ainda sem tradição de absorção, cujos salários, apurados na presente pesquisa não se encontram entre os mais altos. Esse ponto merece ser examinado igualmente em função da baixa visibilidade profissional dos bibliotecários e da sensação latente que as pessoas possuem de que para “arrumar” livros qualquer um faz, minimizando, desse modo, o trabalho que um profissional pode realizar, aspectos várias vezes mencionados pelos respondentes do questionário. Nesse sentido, seria importante pesquisar qual a visão desse potencial contratador para identificar as reais perspectivas tanto para esse profissional que deseja atuar como autônomo, quanto por aqueles que buscam a vinculação organizacional mais formal, de modo a tornar a profissão mais conhecida e mais atraente seja qual for o nicho de atuação.

Com relação à Parte C do questionário foi denominada de dimensão mercado de trabalho identificou-se que:

- O indicador imagem do mercado de trabalho é influenciado pela formação acadêmica do respondente (teste: análise de variância $\Rightarrow F=7,595$; $P<0,001$). Verificou-se que os bibliotecários que possuem doutorado têm uma visão mais positiva desse indicador, em contraponto aos que possuem o bacharelado ou a especialização. Uma possível explicação para essa relação do indicador com a formação acadêmica é o que a própria literatura aponta como a educação continuada permitindo melhores oportunidades de trabalho, maiores salários e melhor percepção de oportunidades. O exame da relação entre a maior qualificação e os salários mostrou que todos dos bibliotecários que possuem doutorado encontram-se nas faixas salariais acima de R\$3.000,00, atuam em bibliotecas especializadas ou universitárias, sendo 57% em função de direção;

- Novamente avaliação do curso do respondente (teste: análise de variância $\Rightarrow F=4,246$; $P=0,002$) tem influência sobre o indicador mercado de trabalho. Observou-se que a avaliação péssima do curso redundou em visão negativa para esse indicador, o que é coerente.

ele tenha sentido dificuldade de colocação, ou de apreensão das rotinas de trabalho. Com relação à suposição de que essa avaliação possa ter relação com o fato de os bibliotecários perceberem que as disciplinas do curso tiveram pouca ou nenhuma relação com a realidade, os dados desta pesquisa não confirmam essa afirmativa, pois indagados sobre essa questão, 72,6% dos bibliotecários concordaram ou concordaram totalmente com a frase “Os conhecimentos que obtive na universidade têm relação com a realidade de atuação profissional dos bibliotecários”;

- A função (direção ou técnico) do respondente (teste: T-Student $\Rightarrow t=2,283$; $P=0,023$), também influencia o indicador mercado de trabalho e mostra que a média de visão é maior para o grupo que informou ocupar cargos de direção, indicando uma percepção mais positiva acerca de mercado de trabalho. Verificando-se esse dado e relacionando-o com o item relativo à formação, essa visão mais positiva pode ter relação com maior satisfação na carreira, maiores salários, possibilidade de idealizar e realizar produtos e serviços, liderar projetos, entre outras oportunidades, que a ocupação gerencial permite e que poderia influenciar a visão sobre o mercado;

- O indicador mercado de trabalho é influenciado pelo tipo de unidade de informação do respondente (teste: análise de variância $\Rightarrow F=3,316$; $P=0,012$). Foram retirados os autônomos e os que informaram atuar nos arquivos. No caso dessa pesquisa, os dados apurados mostram que os bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas têm uma visão mais negativa em relação àqueles que atuam em centros de documentação. Se os dados acerca de salários, maior formação acadêmica e aqueles indicados pela literatura técnica da área mostram que os profissionais que atuam em bibliotecas públicas, em geral recebem menores salários e atuam em condições precárias, em vários sentidos (acervos deficientes, baixo investimento em modernização, ambientes desfavoráveis e não atrativos aos usuários), esses dados de que a visão de mercado para esse grupo pode ser mais negativa sugere que a constatação dessa relação tem alguma procedência. Mesmo considerando-se que existem profissionais motivados e satisfeitos por atuarem nesse segmento, é recorrente a literatura apontar para a quase inexistência de bibliotecas públicas aparelhadas para suprir as demandas sociais, o que pode redundar, então, nessa visão mais negativa do mercado.

- O indicador mercado de trabalho também é influenciado pelo salário do respondente (teste: análise de variância $\Rightarrow F=8,133$; $P<0,001$). Nesse caso, os bibliotecários que recebem até R\$1.500,00 têm visão mais negativa do mercado. Ainda que se considere que 51,2% dos que estão nessa faixa formaram-se a partir de 2000, podendo ser considerados em início de

faixas mais altas (72,5%), a questão salarial é sempre sensível para as análises e avaliações feitas pelos profissionais. Em vários casos, os bibliotecários que responderam o questionário apontaram que, de acordo com sua visão, os salários oferecidos são incompatíveis com o que deveria ser oferecido a profissionais de nível superior. Então, esse é um dado que não pode deixar de ser considerado relevante para estimular ou não o profissional ou fazê-lo perceber o mercado como promissor, se as perspectivas salariais não são atraentes.

Finalmente, na Parte D do questionário, sobre formação profissional, relacionando esse indicador imagem sobre a formação profissional com as outras variáveis do estudo, identificou-se que:

- O indicador de formação profissional é influenciado pela idade do respondente (teste: análise de variância => $F=4,595$; $P=0,001$). Verificou-se que os bibliotecários cujas idades são a partir de 50 anos têm uma visão mais positiva da formação profissional que tiveram, enquanto que aqueles situados na faixa compreendida entre os 30 e os 39 anos têm uma visão mais negativa da formação profissional. A discussão sobre formação profissional envolve vários aspectos e, como os pontos levantados para tentar compreender as razões disso são apenas sugestões, essa questão pode e deve ser estudada mais profundamente. Dentre as potenciais razões pelas quais os bibliotecários com mais idade apontaram uma visão mais positiva para a formação profissional pode ser considerado o fato de que esse grupo já ultrapassou a maior parte do tempo de atuação profissional. Nesse sentido, a avaliação que fazem é com base nesses anos de experiência e, possivelmente, pela forma que lidaram com seus problemas e desafios, que resultaram em saldo positivo, conforme suas percepções. De fato, embora na pergunta sobre estereótipos¹⁵ muitos bibliotecários tenham identificado que a visão sobre pessoas idosas é de que elas são acomodadas, sem curiosidade e temerosas das tecnologias, parece que esse grupo está satisfeito com a formação que recebeu e soube lidar com as mudanças no exercício profissional.

Para os mais jovens, entretanto, esse aspecto da formação é bastante sensível, especialmente se considerados os outros perfis profissionais que competem por nichos semelhantes, como, por exemplo, os pós-graduados em Ciência da Informação e os arquivistas. Uma formação sólida e consistente, especialmente para os que estão ingressando no mercado é um diferencial apontado na literatura e que os dados dessa pesquisa parecem confirmar. Esse aspecto, inclusive, é reforçado pela influência que a imagem sobre a formação profissional teve, relacionada ao ano de ingresso dos bibliotecários. Pelos dados obtidos, percebeu-se que

aqueles que ingressaram nas universidades a partir de 1990 possuem uma visão mais negativa do que os que ingressaram até 1989 (teste: análise de variância => $F=0,146$; $P=0,932$).

Por esses dados é possível imaginar que a formação profissional sofreu um forte impacto relacionado com a introdução das tecnologias de informação nas unidades de informação, a partir de 1990. Nesse caso, considerando o lapso de tempo em que os cursos tiveram para adaptar seus currículos, treinar os próprios professores e repassar para os alunos, esse conjunto de fatores sugere que essa pode ser uma das razões para a visão negativa da formação, nesse indicador.

Por outro lado, aqueles que ingressaram nos cursos até 1979, aparentemente não sofreram com a passagem do tempo, em relação à formação que receberam, pois estão no grupo que teve uma visão positiva desse indicador, o que pode ter relação com a análise de Oliveira (1980), com relação à maior maturidade pessoal e profissional. As mudanças que aconteceram não foram, aparentemente, significativas para esse grupo, que embora não tenha recebido nenhuma formação na graduação com relação às tecnologias, provavelmente soube se adaptar e apreender esses novos conhecimentos, conceitos e metodologias de trabalho. Outra possibilidade é que esses profissionais tenham sido colocados em postos de trabalho nos quais esses conhecimentos mais aprofundados não eram fundamentais, embora a automação tenha permeado todas as áreas de informação, mesmo as mais tradicionais, como os processos técnicos, com tesauros automáticos, planilhas eletrônicas e outras inovações.

Outro ponto, que pode ter alguma relação, é que esse conjunto de bibliotecários é o que tem mais idade, maiores salários e que demonstrou ter uma relação melhor com o mercado, conforme dados analisados na dimensão mercado de trabalho, o que potencialmente poderia explicar a visão mais positiva que possuem acerca da formação.

- O indicador também foi influenciado pelo ano de formatura do respondente (teste: análise de variância => $F=6,477$; $P<0,001$). Para aqueles que se graduaram até 1979, a visão sobre a formação é mais positiva do que para os que ingressaram no mercado de trabalho a partir de 1980. Embora de certa forma esse dado guarde alguma coerência com a questão da visão mais positiva pelos bibliotecários que ingressaram há mais tempo no curso, muitos aspectos podem interferir na imagem sobre a formação, relacionada com o ano de formatura. Dentre essas possibilidades de interferência estão pontos relacionados à economia do país, à política de oferta de empregos, à consolidação e especialização do mercado de trabalho, à concorrência com os pares e com outros perfis emergentes. Bibliotecários que se formaram até 1979 podem perceber menores interferências desses pontos em suas atividades laborais ou

tiveram menores entraves para iniciar a vida profissional que os que se formaram posteriormente.

As unidades de informação nesse período, possivelmente, eram menos aparelhadas tecnologicamente, o acesso à informação não era tão amplo, usuários eram mais facilmente identificáveis e suas necessidades de informação provavelmente eram formuladas com menores expectativas. Por outro lado, o nível de organização da informação no país ainda não era tão visível de forma massiva como passou a ser posteriormente, com os catálogos coletivos, com as redes de bibliotecas e, por fim, no final do século XX, com os catálogos eletrônicos na *Internet*, início do acesso a textos integrais, com usuários se tornando mais exigentes, mais independentes e com uma maior necessidade de desenvolver produtos e serviços de qualidade, já que a transparência da rede, se por um lado valorizou a informação, por outro tornou mais visíveis as fragilidades dos serviços oferecidos.

Retomando Barros (2001), que reafirma a tecnologia como a base para toda e qualquer revolução que tenha havido em qualquer área, esse mundo mais opressivo do trabalho, que se tornou mais exigente, pode ser um fator relevante para que os bibliotecários, a partir dessa perspectiva das tecnologias de informação, tenham percebido a importância e igualmente se tornado mais críticos, em relação à formação que receberam.

- Os pontos levantados anteriormente têm coerência com os que mostram a influência sofrida pelo indicador formação profissional relacionada com a avaliação do curso dos respondentes (teste: análise de variância $\Rightarrow F=41,806$; $P<0,001$). Mais uma vez, os dados apontam para a importância da relação e da percepção que os bibliotecários tiveram dos cursos realizados para a avaliação que fazem. Pelo que se percebe, a opinião sobre o curso relacionada com o indicador formação mostra que quanto melhor avaliado foi o curso, mais positiva se mostrou a visão sobre a formação que receberam, sendo os dois extremos: avaliação péssima, visão mais negativa e avaliação ótima visão mais positiva, para os dados deste estudo.

Assim, parece relevante pensar que a avaliação do curso sugere que ocorre impacto na visão que os profissionais têm de sua própria formação e a essência dessa avaliação, mesmo considerando os dados qualitativos acerca dessa mesma questão¹⁶, poderiam ser explorados de modo mais profundo.

O indicador formação profissional é, também, influenciado pelo número de usuários da unidade de informação do respondente (teste: análise de variância $\Rightarrow F=2,423$; $P=0,066$).

Percebeu-se que os bibliotecários que atendem entre 251 e 800 têm uma visão mais negativa do que os demais. Esse é outro dado que não possui parâmetros nos estudos anteriormente realizados e nem na literatura técnica da área, requerendo pesquisas que procurem entender a relação entre o número de usuários atendidos e a visão que os profissionais possuem de sua formação profissional.

O Quadro 1 apresenta uma síntese de todas as dimensões e as variáveis estudadas que foram influenciadas na referida dimensão, para o presente estudo.

Dimensão	Variável
Bibliotecário	Ano de formatura Avaliação do curso Tipo de unidade de informação Número de usuários Salário
Biblioteconomia	Número de bibliotecários Vinculação da unidade de informação
Mercado de trabalho	Avaliação do curso Tipo de unidade de informação Salário Formação acadêmica Função
Formação profissional	Idade Ano de ingresso Ano de formatura Avaliação do curso Número de usuários

Quadro 1: Relação entre as dimensões e as variáveis

Observa-se que a variável avaliação do curso foi a que mostrou influenciar o maior número de dimensões, nos cruzamentos efetuados. Essa constatação talvez sinalize que, para esse grupo de pesquisa, esse é um dado relevante para indicar se a visão é mais positiva ou mais negativa, quando associada com a valoração atribuída à experiência de aprendizagem na graduação.

CONCLUSÕES

Os dados apresentados nesse artigo retrataram apenas dois aspectos levantados na pesquisa

para identificar a tendência de visão sobre as dimensões analisadas, que congregam, em síntese, os quatro grandes eixos da profissão que são: os próprios bibliotecários, a Biblioteconomia, o mercado de trabalho e a formação profissional.

A partir desse conjunto de dados percebeu-se que a visão mais positiva ou mais negativa sobre as diferentes dimensões requer estudos mais aprofundados, mas indicam pontos relevantes. Especialmente destaca-se a importância que a avaliação sobre o curso que realizaram teve impacto na análise que o grupo pesquisado, que apontou ter uma visão mais positiva, quando a avaliação do curso foi mais positiva e, em contrapartida, mais negativa, quando o julgamento sobre o curso realizado foi negativo. Nesse sentido, o papel das escolas e dos docentes é bastante relevante nesse processo e pode ser determinante sob vários aspectos para os futuros bibliotecários.

Além desses pontos, os profissionais que responderam os questionários percebem que essa não é uma profissão valorizada socialmente, mesmo reconhecendo que esse ponto pode ser um resultado direto do baixo desempenho desse grupo ocupacional, entre outros fatores, que incluem o baixo investimento nas unidades de informação, com especial ênfase nas bibliotecas públicas e nas escolares. Esses segmentos mostraram, igualmente, serem os que pior remuneram os bibliotecários.

Finalmente, verificou-se que outros dados são relevantes, mas requerem mais pesquisas para identificar com maior grau de certeza, em que sentido influenciam a visão dos profissionais, como, por exemplo, o número de bibliotecários na organização e o número de usuários atendido.

Em síntese, observa-se que os bibliotecários mais jovens têm uma visão mais negativa, o que também merece ser melhor compreendido, já que são as novas gerações de profissionais que se encarregarão tanto das atividades no mercado de trabalho quanto da renovação dos quadros de docentes e essa visão mais negativa pode fazer a diferença entre o fortalecimento e o enfraquecimento da profissão no país.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.

BAPTISTA, S. G. **Bibliotecário autônomo versus institucionalizado: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional**. 1998. 234 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

BARROS, F. A. F. de. Os avanços da tecnociência, seus efeitos na sociedade contemporânea e repercussões no contexto brasileiro. In: BAUMGARTEN, M. **A era do conhecimento: matrix ou agora?** Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Brasília: Ed. UnB, 2001. p. 73-87.

CARDOSO, C. F. Uma opinião sobre as representações sociais. In: ____; MALERBA, J. (Org.). **Representações: contribuições a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000. p. 9-39.

FARR, R. M. Les représentations sociales. In: MOSCOVICI, S. (Ed.). **Psychologie social**. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. p. 389-379.

JODELET, D. Répresentations sociales: phénomènes, concepts et theorie. In: MOSCOVICI, S. (Ed.). **Psychologie social**. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. p. 357-378.

JOVCHELOVITCH, S. In defense of representations. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 26, n. 2, p.121-135, 1996.

LAHLOU, S. The propagation of social representation. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 26, n. 2, p. 157-175, 1996.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001. p. 45-66.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.

OLIVEIRA, Z. C. P. de. **Um estudo da auto-imagem profissional do bibliotecário**. 1980. 109 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) - Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1980.

PAIVA, J.; BERENBLUM, A. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LEITURA, 16., SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE "BIBLIOTECA" 10. 2007. Campinas SP. **Anais...** Seção I. Seção de

comunicações. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT13-3093--Int.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2008.

SELLITTO, M. A.; RIBEIRO, J. L. D. Construção de indicadores para avaliação de conceitos intangíveis em sistemas produtivos. **Gestão & Produção**, v. 11, n. 1, p. 75-90, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v11n1/a07v11n1.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2007.

STEVENSON, W. J. **Estatística aplicada à administração**. São Paulo: Harbra, 2001. 495 p.

VOELKLEIN, C.; HOWARTH, C. A review of the controversies about social representations theory: a British debate. **Culture & Psychology**, v. 11, n. 4, p. 431-454, 2005.

WAGNER, W. Queries about social representations and construction. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 26, n. 2, p. 95-120, 1996.

WAGNER, W. et al. Theory and method of social representations. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 2, p. 95-125, 1999.

WALTER, M. T. M. T. W. **Bibliotecários no Brasil: representações da profissão**. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

Abstract

Professional representations of librarians in Brazil are presented based on a research for a doctorate degree between the years of 2007 and 2008. Professional perception of librarians in relation to themselves, to Librarianship, to job market, to information technology and professional build up are especially focused. Results point to a critical appreciation of professionals in relation to their peers and indicate that their graduation course evaluation as well as age have influence on a more positive or negative perception of the job career. They acknowledge that the profession is not valued by society in general and associate this to, for instance, professional performance or low education investment.

Keywords: Librarians. Social representations. Professional representations.

Originais recebidos em: 16/09/2008

Texto aprovado em: 08/05/2009